



**Brasília é
múltipla e pulsá
energia no calor
de sua gente**

Singular, plural e imprevisível

Paulo José Cunha

Digai, amigo: Brasília é singular ou plural? Pois lhe asseguro: é plural, embora JK a tenha concebido singular. Das pranchetas de Lúcio Costa e Niemeyer nasceu única, exata, definida e limitada. Mas cresceu varia, plural, imprevisível. Talvez aí resida o erro fundamental das abordagens ligeiras, das definições simplistas e equivocadas. Brasília não é um plano: é um poliedro. Em linguagem de cinema, não é close: é pan. Brasília, amigo, é muitas.

Papo mais doido. Mas eu explico. Antes, me responda: você conhece Brasília? Ah, conhece. Isto é bom. Mas que Brasília o amigo conhece? A que pisa os tapetes fofos da Praça dos Três Poderes ou a que esmola na Rodoviária? A do Eixão ou a da Estrada Parque de Taguatinga, na hora do rush? Brasília é o Florentino ou é o Beirute? Qual é a cara de Brasília?

Em primeiro lugar é preciso deixar claro: Brasília não se traduz pela arquitetura revolucionária nem pelo centro nacional do poder. Brasília

é resultante, não é origem de coisa alguma a não ser da constatação de que existe uma genialidade criativa no Brasil expressa nas linhas de uma cidade planejada antes como modelo do que como resultado (de) concreto. Daí a irritação que me causa a afirmação idiota daqueles parlamentares que definem Brasília a partir do roteiro traçado entre o aeroporto e o Congresso. Por isso condenam o projeto do pré-metrô, obra fundamental para unir a Brasília varia que se espande pelo poeirão das Samambaias e Santas Marias. Quem nunca teve de pegar um ônibus às 5 para ir do Setor O de Ceilândia até a Rodoviária do Plano Piloto é que supõe Brasília a partir de um close. E para começar a entender esta cidade é necessário trabalhar em grande angular. É preciso ter olhos arregalados para enxergar as variadas facetas de uma cidade que desobedeu a todas as previsões e planejamentos para se transformar em síntese perfeita das mais nobres virtudes e as incontáveis mazelas de um país que fala com Tóquio em segundos, mas não conseguiu ainda um jeito de garantir o almoço daquele menino que cheira cola ali debaixo da marquise.

Outro equívoco, este maldoso, oportunista e mau caráter, manifesta-se nos que concentram em Brasília a origem do lamaçal de corrupção que assola o País. Será que se a Praça dos Três Poderes estivesse no Xingu ou em Copacabana o

quadro seria outro? Foi Brasília que elegeu os 600 parlamentares? Foi o ar do Planalto Central que produziu a corja dos larápios que frequentam o noticiário?

Ora, como eu dizia, Brasília é várias. A da Praça dos Três Poderes nunca sujou os pés com a poeira vermelha dos assentamentos. Nunca comeu pastel na Rodoviária. Nunca viu uma parada de ônibus pintada por Toninho de Souza em Sobradinho, Brasília — definitivamente — não é o Plano Piloto. E o Plano Piloto mais as cidades-satélites, mais os migrantes que estouraram os equipamentos públicos ao se deslocarem pra cá em busca de saúde e emprego, mais as cidades do entorno goiano e mineiro, mais a sede do Poder, mais a capital brasileira do rock, mais a cidade dos místicos, mais os empoeirados do Setor P, mais as faixas & bandeiras & palavras de ordem e tal & coisa & muito mais.

Por isso Brasília não tem apenas uma cara: tem várias. Vá lá, amigo, escolha a que achar melhor. Mas, antes, tome um conhaque no Café Belas Artes, converse fiado ali na entrada do Conjunto Nacional, com um sarapatel no Núcleo Bandeirante, aprecie as flores do Roriz aí pelos balões e ande a pé nas ruas de Santa Maria em dia de chuva. Aí é capaz de escolher bem uma cara para Brasília.

Paulo José Cunha é jornalista